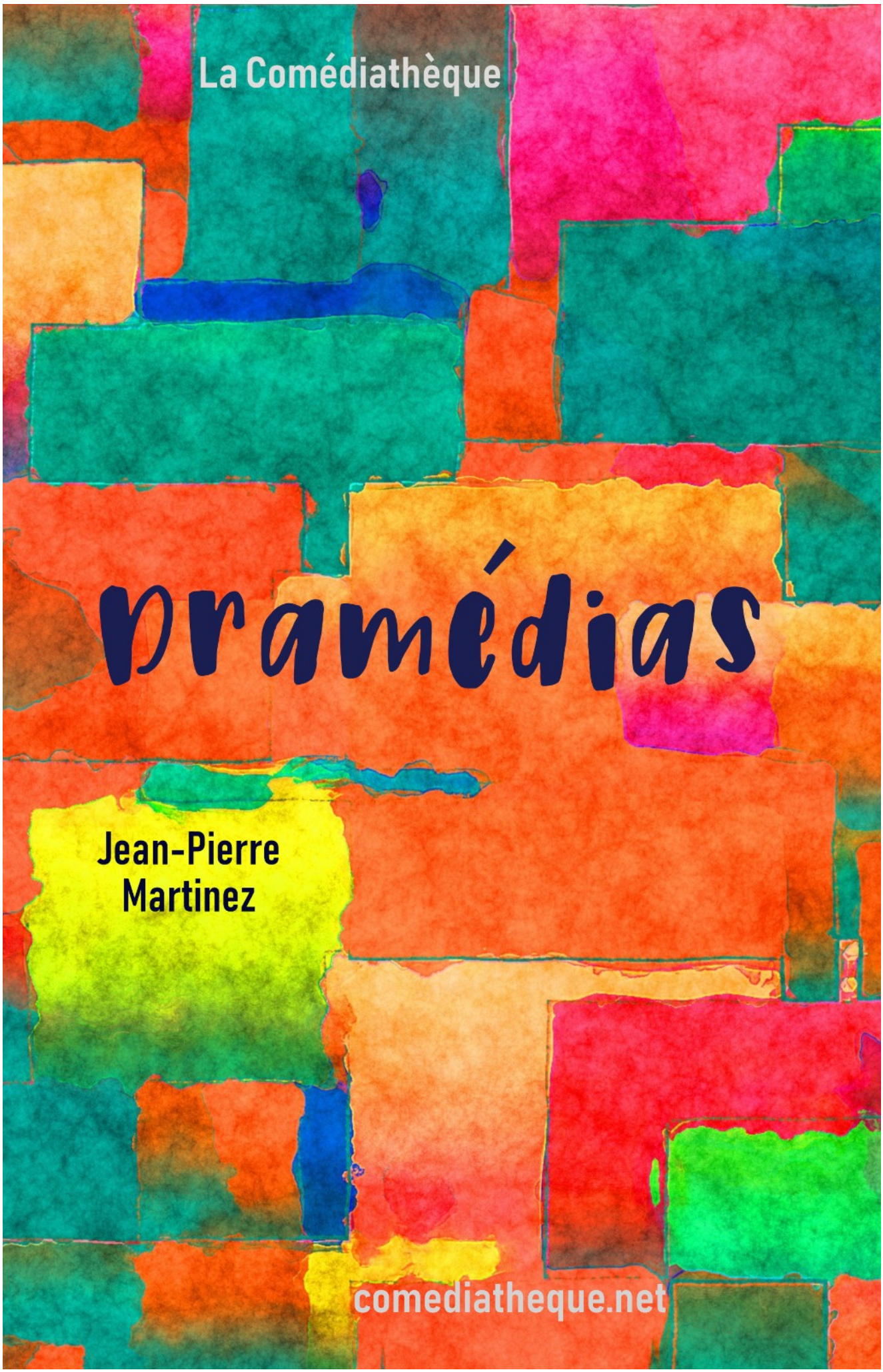

La Comédiathèque
Pramédias
Jean-Pierre Martinez
comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/**

Dramédias

Comédia de esquetes

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Se o mundo é um teatro, muitas vezes a peça não passa de um fiasco. O autor fica no anonimato e as personagens secundárias são as primeiras a cair no esquecimento. Entre o absurdo e a comédia de enredo, desenrola-se a tragicomédia da vida. O importante é não falhar a saída...

Seis sketches de humor amargo sobre os pequenos melodramas das nossas vidas de todos os dias.

1. Fatalmente cómico....3
2. Não é um drama....10
3. À porta fechada....15
4. Autor anónimo....24
5. Mudança de cenário....27
6. Cena do crime....31

Elenco
15 personagens
Elenco muito flexível em número e género: cada intérprete pode desempenhar vários papéis, e a maioria das personagens pode ser interpretada por homens ou mulheres.
De 4 a 15 intérpretes.

© La Comédiathèque

1. Fatalmente cómico

Sobre uma mesa baixa, uma cafeteira, duas chávenas e um jornal. Pedro entra de robe, serve-se de um café e pega no jornal. Entra Maria, a mulher dele.

Maria – Então, tudo bem?

Pedro – Tudo.

Maria serve-se de café e observa Pedro.

Maria – Estás com ar preocupado... Algum problema?

Pedro – Não... Quer dizer... Continuo sem uma ideia para a próxima peça.

Maria – Não te preocupes, há de aparecer... Acaba sempre por aparecer, não é?

Pedro – Até agora, sim...

Maria – Não há nenhuma notícia no jornal que te inspire?

Ele pousa o jornal.

Pedro – As notícias são cada vez mais deprimentes... Acho que vou deixar de ler jornais. Já deixei de ver televisão e de ouvir rádio...

Maria – Realmente, não há muito de que nos possamos rir. Mas, por outro lado... É por isso que precisamos de autores como tu.

Pedro – Ah, sim? E que espécie de autor sou eu?

Maria – Sabes muito bem... Alguém que nos faz rir. Um cómico!

Pedro – Um cómico? É assim que me vês? Como um cómico?

Maria – Alguém tem de escrever boas comédias! Para nos fazer esquecer os problemas... Passar um bom bocado sem pensar em nada...

Pedro – Sem pensar em nada?

Maria – Desculpa... Queria dizer... pensar noutra coisa.

Pedro – Já percebi... Para ti, não passo de um animador. Um tipo que distrai as pessoas para não pensarem nos verdadeiros problemas da sociedade...

Maria – As pessoas, a sociedade... Lá vens tu com as grandes palavras! Não há mal nenhum em divertir o público, pois não?

Pedro – Não sei... Também se pode querer outra coisa...

Maria – Como o quê?

Pedro – Ser útil...

Maria – Para mim, ajudar as pessoas a esquecer as preocupações e a voltar a sorrir é muito útil. E nem toda a gente tem esse dom.

Pedro – Pois...

Maria – O quê?

Pedro – Já escrevi quase uma centena de comédias.

Maria – E todas tiveram um enorme sucesso.

Pedro – Sim, mas começo a ficar sem ideias. Pergunto-me se não esgotei o género.

Maria – Queres deixar de escrever?

Pedro – Também não sei se era capaz... Não, estava a pensar...

Maria – Se o quê?

Pedro – E se tentasse outro género?

Maria – Um romance? Há anos que te digo para experimentares. Também há romances muito divertidos...

Pedro – Infelizmente, não sou romancista. Só sei escrever peças de teatro.

Maria – Bem, então só te resta encontrar um bom tema para uma comédia.

Pedro – E se escrevesse... outro género de peças?

Maria – Outro tipo de peça?

Pedro – Qualquer coisa que não tenha necessariamente graça, percebes?

Maria – Uma comédia sem graça?

Pedro – Não! Precisamente, uma comédia é que não!

Maria – Queres dizer... uma comédia dramática?

Pedro – Estou a falar de uma peça que não seja comédia nenhuma!

Maria – Queres escrever um drama?

Pedro – Um drama, uma tragédia... Chama-lhe o que quiseres.

Maria – Está bem...

Pedro – O quê?

Maria – Não sei... *(Silêncio.)* Tens a certeza de que estás bem?

Pedro – Já não tenho ideias para comédias. Quero tentar escrever outra coisa. Também não é nenhum drama!

Maria – Está bem... *(Uma pausa.)* Queres mais café?

Pedro – Não, obrigado.

Maria – Então deixo-te pensar... na tua nova peça.

Ela sai. Ele suspira e volta a pegar no jornal. O telefone toca. Atende.

Pedro – Sim? Ah, sim... Não, não, estava mesmo para te ligar... Olha, ainda não sei. Por enquanto, estou sem inspiração. Sim, eu sei, sempre disse que isso não existia. Mas a inspiração é como Deus: dizemos que não existe até ao dia em que precisamos mesmo dela... E tu, estás bem? Ah... Estou a ver... Está bem... Olha, agora tenho de desligar... Depois falamos e tentamos almoçar juntos para a semana, pode ser? Combinado. Um abraço.

Maria regressa, um pouco embaraçada.

Maria – Tenho de ir fazer umas compras. Não demoro. Está tudo bem?

Pedro – Bem... sim. Desde que me perguntaste há pouco, a situação não mudou muito, mas sim. Estou bem.

Maria – Pronto, então vou indo.

Pedro – Muito bem. Até já.

Ela sai. Ele volta ao jornal, mas mal começa a ler ouve-se a campainha. Vai abrir e regressa acompanhado por uma mulher.

Alex – Espero não vir incomodar...

Pedro – Não, não, de maneira nenhuma. Estava só a... Queres um café?

Alex – Não, obrigada.

Pedro – Que simpático da tua parte apareceres assim, sem avisar.

Alex – É o risco de morar no mesmo prédio que a tua agente. Pode aparecer-te à porta sem ter sido convidada...

Pedro – Acho que vou ter de mudar de casa...

Sorriem. Segue-se um silêncio embaraçoso.

Alex – Então, em que estás a trabalhar?

Pedro – Em nada... Estava ao telefone com... Como é que ela se chama? Aquela atriz que entrava naquela... Agora é editora.

Alex – Editora?

Pedro – Sabes como é... A vida é cruel para as atrizes. Sobretudo para as que fazem sempre de ingénuas. Depois dos trinta...

Alex – Estás à procura de outra editora?

Pedro – Não propriamente... Foi ela que ligou, só para saber como eu estava. Já começo a preocupar-me: hoje toda a gente me pergunta se estou bem...

Alex – E... estás bem?

Pedro – Estou, obrigado... É incrível...

Alex – O quê?

Pedro – Acabei a conversa com um «depois falamos e combinamos um almoço». Saiu-me assim, por hábito. No fundo, podíamos perfeitamente ter almoçado hoje.

Alex – Enfim, estamos em Paris... Anda toda a gente cheia de trabalho...

Pedro – Ou então não temos nada que fazer e fingimos que temos...

Alex – Sim...

Pedro – Tu, por exemplo. Hoje estás muito ocupada? *(Silêncio.)* Pois, claro que não, senão não estarias aqui. Imagina que aceitavas almoçar comigo, assim, de repente. Amanhã, toda a gente em Paris sabia que não tens nada para fazer. Que já ninguém quer trabalhar contigo. Que estás desempregada. Ou pior, na lista negra... E então deixavam mesmo de te ligar. Ficavas arrumada de vez.

Alex – Sim... *(Silêncio)* E então, ela está bem?

Pedro – Quem?

Alex – A tua editora!

Pedro – Não sei... Tens razão... Se calhar é ela que não está bem. Ligou-me porque precisava de falar com alguém e eu quase lhe desliguei o telefone na cara... Devia ter-lhe proposto almoçarmos hoje. E tu, estás bem?

Alex – Sim, estou bem...

Pedro – Tens a certeza de que não queres café?

Alex – De certeza... *(Silêncio.)* Tens escrito alguma coisa?

Pedro – Não propriamente. Acho que cheguei ao fim de uma etapa. Preciso de mudar um pouco de registo.

Alex – Sim, já sei. Cruzei-me com a Maria nas escadas.

Pedro – Não me digas que vieste ver-me por causa disso.

Alex – Então queres escrever um drama...

Pedro – Sim, bem... Porque não?

Alex – Estás a brincar, não estás?

Pedro – Estás a ver, Alex? Esse é o meu problema. Basta eu pensar em escrever outra coisa que não uma comédia e toda a gente acha que é uma piada.

Alex – Digamos que... não é bem isso que o teu público espera de ti.

Pedro – E depois?

Alex – Podes surpreendê-lo... E talvez desiludi-lo...

Pedro – Desiludi-lo? Ainda não escrevi uma linha e já me dizes que vai ser uma desilusão. Obrigado pelo incentivo. Agora sei porque é que tenho uma agente.

Alex – E... já tens um tema?

Pedro – Não... Só é uma ideia...

Alex – Bem, então ainda é só uma ideia.

Pedro – Isso mesmo...

Alex – Desculpa, se calhar precipitei-me.

Pedro – Não sei... Estava a pensar escrever sobre os migrantes que dão à costa. Os que não morrem afogados durante a travessia, evidentemente...

Alex – Uma comédia, queres dizer? *(Pedro lança-lhe um olhar desolado.)* Desculpa, nem sei porque é que disse isto... Então é a sério? Queres mesmo escrever uma coisa...

Pedro – Já não tenho vinte anos... Nem tu. Se calhar está na altura de pensarmos no mundo à nossa volta, não achas?

Alex – O mundo que nos rodeia?

Pedro – Imagina que, quando morremos, reencarnamos. Assim, ao acaso. A maior parte das pessoas tem uma vida de merda, se é que se pode chamar vida àquilo. Pensando bem, tirando uma pequena minoria de privilegiados — os mais afortunados vivem em paraísos fiscais —, a Terra é um inferno.

Alex – E então?

Pedro – E então? Estatisticamente, a reencarnação é um bilhete quase garantido para o inferno! Se não mudarmos o mundo enquanto cá estamos, arriscamo-nos a viver nesse inferno na próxima vida!

Alex fica de boca aberta.

Alex – Está bem...

Pedro – Vou deixar-te a refletir sobre isso. Vou vestir-me...

Sai. Maria regressa.

Maria – Então?

Alex – Está muito mal.

Maria – Eu disse-te.

Alex – Está a delirar. Fala da morte. Do paraíso. Do inferno.

Maria – A sério?

Alex – Quer escrever uma peça sobre os exilados.

Maria – Os exilados fiscais?

Alex – Os exilados económicos!

Maria – Queres dizer... os reformados que vão viver para Portugal ou para Marrocos porque a vida lá é mais barata?

Alex – Os migrantes! No Mediterrâneo! Na zona de Calais!

Maria – Não pode ser... Ele disse-te?

Alex – Tentei falar com ele, mas ele não quer saber.

Maria – Onde está?

Alex – Foi mudar de roupa.

Maria – Não percebo... Ainda esta manhã estava perfeitamente normal. Bem... Era o costume, quero eu dizer...

Alex – Talvez seja apenas temporário. Pode estar um pouco deprimido. Mas não devemos tomar isto de ânimo leve.

Maria – Pois... Custa-me dizer isto, mas... acho que tem tendências suicidas.

Alex – Talvez devêssemos sugerir-lhe que visse um médico.

Maria – Um psiquiatra, queres dizer?

Alex – Não sei.

Maria – Às vezes, com uma simples cura de vitaminas... Um homeopata?

Pedro regressa.

Pedro – Ah, já voltaste?

Alex – Vou deixar-vos.

Pedro – Não, não estou a mandar-te embora.

Alex – De qualquer maneira, já estava de saída. Tenho... Tenho de ir. Tenho um dia cheio. Depois falamos e combinamos um almoço?

Alex sai. Maria lança a Pedro um olhar embaraçado.

Maria – Só lhe disse que estavas cá e que podia subir para tomar um café, se quisesse...

Pedro – Não quis.

Maria – O quê?

Pedro – O café. Ofereci-lhe um e ela não quis.

Silêncio.

Maria – Mas afinal o que é que procuras, Pedro?

Pedro – Não sei...

Maria – Não estamos bem juntos?

Pedro – Claro que sim, não é isso.

Maria – Tens uma amante, é isso?

Pedro – Não, de maneira nenhuma!

Maria – Temos a vida que queríamos, não temos? Fazes o que gostas. Não tens patrão. Ganhas bem a vida.

Pedro – Eu sei.

Maria – Então, o que se passa?

Pedro – Tudo isto já não faz sentido para mim. Preciso... de tentar outra coisa.

Maria – Mas porquê?

Pedro – Não sei... Para que, no meu funeral, as pessoas não digam apenas: «Aquele era um cómico...»

Silêncio.

Maria – Queres que nos mudemos?

Pedro – Noutro lugar seria o mesmo.

Maria – Não vais fazer nenhuma asneira, pois não?

Pedro – Uma asneira? Como o quê?

Maria tenta esconder o nervosismo.

Maria – Deixo-te trabalhar...

Ela sai. Pedro fica um instante perplexo. Pega num caderno e num lápis e tenta escrever, mas não lhe ocorre nada. Levanta o auscultador e marca um número.

Pedro – Sim, desculpa, sou outra vez eu... Afinal, consegui arranjar tempo para esta noite. Podes vir cá jantar? Queria falar-te de um projeto novo... Claro que sim, traz o teu marido. Às oito está ótimo. Então, até logo...

Desliga. Volta ao caderno e ao lápis e começa a escrever febrilmente. Interrompe-se e dirige-se ao público.

Pedro – Vão ver. Desta vez não se vão rir.

Volta a escrever.

Escuro.

2. Não é um drama

Ele está visivelmente embaraçado. Ela chega, pronta para sair.

Ela – Normalmente sou eu que te faço esperar... Ainda não estás pronto?

Ele – Estou, estou... Só falta vestir o blusão.

Ela – O teu blusão de cabedal...

Ele – Já o tinha antes de te conhecer... Foi uma prenda da minha avó. Também não vou deitá-lo fora agora, pois não? Quero dizer... Já está morta, de qualquer maneira.

Ela – A tua avó morreu?

Ele – Não, a minha avó não! A vaca! Este blusão é de pele de vaca...

Ela – Pois... A vaca que esfolaram num matadouro para tu poderes andar vestido com a pele dela...

Ele – O meu próximo blusão vai ser de couro vegetal, prometo. Dizem que já fazem imitações lindíssimas com ananás ou cogumelos.

Ele veste o blusão, sem entusiasmo.

Ela – Então, é hoje o grande dia?

Ele – Sim, parece que sim...

Ela – Vou finalmente conhecer os teus pais... Já começava a pensar que tinhas vergonha de mim.

Ele – Que ideia! Se alguém tem razões para ter vergonha, não és tu...

Ela – Ah, sim? Porquê? Tens vergonha dos teus pais?

Ele – Não, não, mas...

Ela – Então de que é que tens medo?

Ele – De nada, garanto-te!

Ela – Eu é que devia estar nervosa. Vais apresentar-me aos teus pais... A coisa fica oficial. É quase um noivado, não é?

Ele – Pois...

Ela – Não disfarces tanto essa alegria!

Ele – Ouve, tenho de te contar uma coisa.

Ela – Estás a assustar-me...

Ele – É precisamente por causa dos meus pais.

Ela – Os teus pais? O que é que têm?

Ele – Não sei bem como dizer-te isto...

Ela – Diz lá. Aguento tudo... Se é importante, prefiro saber antes de os conhecer. Faço menos figuras tristes.

Ele – Digamos que este jantar não vai ser bem como imaginas. Os meus pais são... Como hei de dizer...

Ela – São surdos e comunicam em língua gestual.

Ele – Não...

Ela – Cegos?

Ele – Também não.

Ela – São pessoas de baixa estatura?

Ele – Pior... Pelo menos para ti.

Ela – Já percebi... Votam à direita e não tiveste coragem de me dizer! Foi por isso que não quiseste que os conhecesse antes...

Ele – Não, não é isso.

Ela – Claro, que parva! Disseste-me que eram livreiros. Não se pode vender livros e votar à direita!

Ele – Não te preocupes. Os meus pais nem sequer votam.

Ela – Então o quê?

Ele – Tem que ver com... o jantar... Com a comida, em geral.

Ela – A comida...?

Ele – Não te contei toda a verdade.

Ela – Está bem... Os teus pais são judeus e comem comida kosher. E qual é o problema? Pode-se perfeitamente ser vegan e comer kosher! Até é mais simples. É sobretudo a carne que tem de ser kosher, não é?

Ele – Sim... Bem, não sei...

Ela – A fruta e os legumes são muito ecuménicos. Tenho a certeza de que o veganismo podia acabar com todas as guerras religiosas. Pelo menos à mesa, que já era um começo... Enquanto não se resolve o conflito no Médio Oriente.

Ele – É um pouco mais complicado do que isso...

Ela – O quê? O conflito no Médio Oriente?

Ele – Não, estou a falar dos meus pais.

Ela – Já percebi... São praticantes. Para lhes agradar, deixaste-os acreditar que a futura nora era judia. E agora não sabes como lhes dizer que andas com uma rapariga que não é judia...

Ele – Descansa, na minha família ninguém é judeu.

Ela – E porque é que isso me haveria de preocupar? Que ideia tens tu de mim?

Ele – Não, o problema é que...

Ela – Desembucha, que isto já começa a meter medo.

Ele – Os meus pais não são propriamente livreiros.

Ela – Como assim, «não são propriamente»? Ou se é livreiro ou não se é. Como é que se pode não ser propriamente livreiro?

Ele – Não são livreiros de todo... E também não são tão veganos como te disse.

Ela – Como assim, «não tão»?

Ele – Comem legumes, claro, mas...

Ela – São só vegetarianos? Ora, também não é nenhum drama! Achas que sou assim tão radical? Mas porque é que me disseste que eram veganos?

Ele – Disse por dizer... Sabia que para ti isso era importante.

Ela – Quem vai viver contigo sou eu! Temos os mesmos valores, e isso basta-me. Não escolhemos a família, quanto mais a família do nosso companheiro...

Ele – Não sei como te dizer isto...

Ela – Portanto, não são livreiros. E depois? O que é que fazem?

Ele – Têm um talho ali na esquina...

Ela *(petrificada)* – Um talho...

Ele – Um talho especializado em carne de cavalo... Entre o sapateiro e a tabacaria. Sabes onde é?

Ela – Estás a brincar, não estás?

Ele – Não.

Ela – Disseste-me que a tua família era toda vegan, tirando a tua avó, e agora anuncias-me que vou casar com o filho de um talhante?

Ele – Eu não sou talhante! Sou só filho de um talhante...

Ela – E quando é que pensavas contar-me? No dia do casamento, durante o copo-de-água? Entre o enchido de burro e o bife de cavalo?

Ele – Mas não! Já te estou a dizer agora...

Ela – Lembro-te que os meus pais são veganos. E levam esse assunto muito a peito.

Ele – Peito de frango?

Ela – Se achas graça, eu não acho... E agora, o que fazemos?

Ele – Mas eu sou vegan a sério! Quer dizer, tornei-me vegan depois de te conhecer... Isso não muda nada entre nós, pois não?

Ela – Se calhar para ti isto não quer dizer nada. Para mim, quer dizer muito...

Ele – Estás zangada?

Ela – Preciso de pensar bem nisto tudo. *(Hesita.)* Mas não vou fazê-lo agora. Convidaram-nos, não foi? Então vou. Não sou pessoa de fugir às responsabilidades. Falamos disto depois. Vamos?

Ele – O problema é que...

Ela – Ah, então ainda há outro problema?

Ele – Não tive coragem de lhes dizer que não comes carne.

Ela – Não, diz-me que não é verdade...

Ele – Não sei se iam perceber... Já têm uma certa idade... Não vale a pena dar-lhes um choque. Até podia matá-los, sabes? O meu pai tem problemas de coração...

Ela – Podias ter-lhes explicado as coisas com jeitinho...

Ele – Nunca encontrei a altura certa...

Ela – Pois claro...

Ele – Podes comer só os legumes... Dizes que não tens muita fome... Ou que estás doente...

Ela – Sabes uma coisa? Acho que o doente és tu. E bem doente.

Ela despe o casaco.

Ele – Portanto, não vens...

Ela *(horrorizada)* – Um talho de carne de cavalo?

Ele – Vais abandonar à sua sorte um pobre filho de talhante acabado de converter ao veganismo? Sem ti, ainda tenho uma recaída...

Ela – Ainda por cima estás a gozar comigo?

Ele – Não me olhes dessa maneira. Até parece que me vais matar.

Ela – É que, neste momento... Confesso que me estão a dar ideias de homicídio...

Ele – Tem calma, peço-te! Lembra-te de que és vegana... E que para ti o quinto mandamento devia ser o mais sagrado de todos.

Ela – O quinto...?

Ele – Não matarás!

Ela – Estrangulo-te e depois vou confessar-me.

Ela aproxima-se dele, ameaçadora.

Ele – Não faças isso, por favor!

Ela – Nem sei o que me está a impedir...

Ele – Mas tu acreditaste mesmo nesta história?

Ela – O quê?

Ele – Ora essa! Os talhos de carne de cavalo quase desapareceram! Na esquina, entre a tabacaria e o sapateiro, há uma loja de produtos biológicos. Se fosses às compras mais vezes, sabias...

Ela – Os teus pais não são talhantes?

Ele – Os meus pais são livreiros, votam à esquerda e são veganos. Como sempre te disse.

Ela – Tu passaste-te! Porque é que inventaste uma história destas?

Ele – Para saber até que ponto gostas de mim... Agora já sei. Então, recusavas casar com o filho de um talhante?

Ela – Não sei... Provavelmente não. Mas que acabava por te matar, acabava.

Ele – Então tínhamos aqui uma tragédia? Os Capuletos talhantes e os Montecchios veganos...

Ela – Mas, afinal, não passa de uma comédia de enganos.

Ele – Há coisas que não mudam...

Ela – Não é um drama.

Ele – Bem, vamos? Vamos chegar atrasados.

Ela – Vamos. Não te esqueceste do bolo de cenoura...

Ele – Descansa, minha coelhinha, já está no carro.

Ela – Espera lá... Isto foi um pedido de casamento?

Ele – Sim...

Ela – Deve ser o pedido de casamento mais inesperado que uma mulher já ouviu.

Ele – Afinal, sou dramaturgo. Ando há uma semana a preparar esta cena. Então, qual é a tua resposta?

Ela – Vou esperar até conhecer os teus pais para decidir.

Saem.

Escuro.

3. À porta fechada

Um casal. Quatro cadeiras. Estão sentados.

Ela – Tudo bem?

Ele – Tudo bem... E contigo?

Ela – Tudo bem... *(Uma pausa.)* Queres beber alguma coisa?

Ele – O quê?

Ela – Um aperitivo? Uns amendoins?

Ele – Não, obrigado, estou bem.

Uma pausa.

Ela – Estamos bem aqui, não estamos?

Ele – Aqui?

Ela – Nesta casa.

Ele – Estamos... *(Uma pausa.)* Mas isto não é a nossa casa.

Ela – Ah, não?

Ele – Não.

Ela – Pois é.

Ele – É uma casa ou um apartamento?

Ela – Um apartamento, acho eu. Não sei.

Uma pausa.

Ele – Lembras-te onde está a nossa casa?

Ela – A nossa casa?

Ele – A nossa verdadeira casa. A nossa!

Ela – Não... E tu?

Ele – Eu também não. Nem sequer me lembro como era.

Ela – Mudámos tantas vezes.

Ele – É verdade. Mudamo-nos muitas vezes.

Ela – Sim. Cada vez mais.

Ele – Devíamos tentar lembrar-nos.

Ela – Lembrar-nos de quê?

Ele – Onde moramos.

Ela – Todas as casas se parecem um pouco.

Ele – Mesmo quando é um apartamento.

Ela – Há quartos. Uma sala de jantar. Uma cozinha.

Ele – Na cozinha há um frigorífico, um fogão, uma mesa, gavetas...

Ela – Nas gavetas há garfos, facas, colheres de chá...

Ele – Nos quartos há crianças. Às vezes...

Ela – Quando não há, é porque já foram embora. Para outra casa.

Uma pausa.

Ele – Achas que um dia voltam?

Ela – As crianças?

Ele – Os donos da casa!

Ela – Quem sabe... Há quanto tempo estamos aqui?

Ele – Não sei... Bastante tempo, não?

Ela – Sim.

Ele – Tenho sempre medo de que um dia toquem à campainha e sejam eles.

Ela – As crianças?

Ele – Os que vivem aqui! Os verdadeiros proprietários...

Ela – Ah, claro...

Ele – E tu, não?

Ela – Também. Aliás, pergunto-me se funciona.

Ele – O quê?

Ela – A campainha! Nunca a ouvimos tocar.

Ele – De qualquer maneira, quando os que vivem aqui voltarem, não vão tocar.

Ela – Porquê?

Ele – É a casa deles! Vão ter a chave.

Ela – Claro.

Ele – Quando alguém chega a casa, não toca à campainha. Não tem razões para pensar que está alguém lá dentro quando os donos estão fora.

Ela – É verdade... Temos a chave?

Ele – Não sei. Tens a chave?

Ela – Não.

Ele – Eu também não.

Ela – Então, como é que entrámos aqui?

Ele – Não me lembro.

Ela – Talvez nos tenham aberto a porta.

Ele – Quem é que nos ia abrir a porta?

Ela – Os proprietários?

Ele – Mas se estamos sozinhos neste apartamento!

Ela – Há quanto tempo é que estamos sozinhos?

Ele – Não sei...

Uma pausa.

Ela – Deve ser por isso que nunca saímos. Se saíssemos, já não conseguíamos entrar.

Ele – Pois. Porque não temos a chave.

A campainha toca. Olham um para o outro, inquietos.

Ela – Achas que são eles?

Ele – Dissemos que se fossem eles, não tocariam.

Ela – Então, quem será?

Ele – Quem sabe...

Ela – O que fazemos?

Ele – Temos que abrir, não?

Ela – Achas?

Ele – Viram a luz. Sabem que estamos aqui.

Ela – Pronto... Estamos tramados...

Ele – Vamos ter de mudar de casa outra vez.

Ela – Mas para onde vamos?

Ele – Vou fazer a nossa mala.

Ela – Temos uma mala?

Ele – Toda a gente tem uma mala em casa, não é?

Ela – Vou abrir-lhes a porta...

Ele – O que lhes vais dizer?

Ela – Não sei...

Ele – Vamos ter de dizer qualquer coisa. Explicar por que estamos aqui. Na casa deles.

Ela – Se calhar estão a voltar de férias.

Ele – Vou ver se temos uma mala.

Ela sai. Ele também. Ela regressa com outro casal: João traz uma garrafa, Cristina um ramo de flores. Ele regressa com uma mala.

Ela – São o João e a Cristina.

Ele – Ah, olá...

João – Olá. Tudo bem?

Ele – Tudo bem. E convosco?

Cristina – Ótimo. Vão de férias?

Ele – Não, porquê?

João – Como tens uma mala na mão...

Ele – Ah, não, é que... Estava mesmo a guardá-la. Sabem como é: com as malas, nunca sabemos onde as pôr.

Ela – E uma mala vazia ocupa tanto espaço como uma cheia.

Cristina – Sim. Mas pesa menos.

João – É verdade. Devíamos ir de férias com malas vazias. Viajaríamos mais leves.

Os quatro riem, um pouco à força.

Cristina – Então, tudo bem?

Ele – Sim.

João – Trouxe champanhe, para festejar!

Ele – Festejar o quê?

João desata a rir.

João – «Festejar o quê?» Tens sempre resposta para tudo, tu!

Cristina – Que graça! E eu trouxe flores.

Ela – Ah, sim, isso também é bom.

Ele – Vou buscar umas taças.

Ela – Ganharam algum campeonato?

João – Taças para o champanhe! Para beber!

Ela – Ah, pois claro!

Voltam a rir.

Cristina – Que engraçada!

Ela – E eu vou buscar uma jarra. Para as flores.

Cristina – Querem que vos ajudemos?

Ele – Nem pensar!

Ela – Sentem-se, façam favor.

Ele – Estejam à vontade, como se estivessem em casa.

Ela – Afinal, já conhecem a casa.

Os dois saem.

João *(a sorrir)* – Eles são tão engraçados...

Cristina – Sim...

João – Não mudaram. Continuam tão...

Cristina – Achas?

João – O quê?

Cristina – Que não mudaram.

João – Agora que falas nisso, é verdade que...

Cristina – Não, mas já não se parecem em nada com...

João – Sim, um pouco, sim...

Cristina – Pois...

João – E sabes como é, as pessoas... mudam...

Cristina – Não tanto... Não numa semana...

João – Foi há uma semana?

Cristina – Foi na semana passada. A última vez que os vimos.

João – É verdade que mudaram bastante.

Uma pausa.

Cristina – Ou então... se calhar nem são eles.

João – Não são eles? Mas o que estariam aqui a fazer? Se esta não é a casa deles...

Uma pausa.

Cristina – Achas que podemos ter-nos enganado na porta?

João – Não creio... Além disso, eles parecem conhecer-nos, não? Se nos conhecem, é porque nós os conhecemos também.

Cristina – Sim, claro...

O homem regressa.

Ele – Desculpem, mas não encontrei as taças.

Cristina – Ah, os homens...

João – Só tens que perguntar à tua mulher.

A mulher regressa também.

Ele – Sabes onde estão as taças de champanhe, querida?

Ela – Não... Talvez não haja...

Cristina – Como assim? Não têm taças de champanhe? Toda a gente tem umas taças, não?

João – Não faz mal. Bebemos o champanhe em copos normais.

Cristina – Têm copos de vinho, não têm? *(Eles não parecem muito seguros.)* Ou uns copos quaisquer?

Ele – Não vi nenhuns...

Ela – Eu também não encontrei uma jarra.

Cristina – Nem chávenas? Numa cozinha há sempre chávenas...

Ela – Não encontrei foi a cozinha.

Momento de embaraço.

João – Sabem que mais? Bebemos o champanhe pela garrafa! À russa!

Cristina – Os russos bebem champanhe pela garrafa?

João – Os cossacos, de certeza. Nem precisam de sair de cima do cavalo. Abrem a garrafa com...

Cristina – Com o sabre.

Ela – Entretanto, sentem-se, por favor.

Sentam-se os quatro. Sorrisos. Silêncio embaraçoso.

Ele – E as crianças, estão bem? *(João e Cristina, que visivelmente não têm filhos, trocam um olhar perplexo.)* Quero dizer, as crianças em geral. Não estou a falar das vossas. Se não têm filhos...

Ela – Ou já não têm... Quero dizer... Se calhar até tiveram filhos, mas os filhos morreram.

Ele – Ninguém está a dizer que foi isso que aconteceu!

Mal-estar.

Ela – Vou ver se encontro amendoins...

Ela sai.

Ele – Em todo o caso, é bom terem vindo ver-nos.

Cristina – Somos amigos, não é?

Ele – Claro.

João e Cristina trocam um olhar embaraçado. Cristina faz sinal a João para avançar.

João – A pergunta pode parecer parva, mas... vocês vivem mesmo aqui?

Ele – Porque é que perguntam?

Cristina – Bem... Os nossos amigos que vivem aqui não se parecem nada com vocês.

João – Da última vez que viemos cá, eles não eram nada parecidos convosco...

Ela regressa.

Ela – Pronto! Encontrei os amendoins!

Cristina – Encontraste a cozinha...?

Ela – Até encontrei uns copos.

João – Então podemos tomar o aperitivo!

Cristina – Então vá!

João tira a rolha da garrafa e enche os copos. Brindam.

João – À vossa saúde!

Ele – Pela amizade!

Bebem.

Ela – Tomem amendoins.

Comem amendoins.

Cristina – Nunca tive coragem de vos perguntar, mas...

Ele – Sim...?

Cristina – Onde é que vocês os dois se conheceram? *(Silêncio embaraçoso.)* Desculpem a indiscrição. Não sei onde tinha a cabeça...

Ela – Não, não, de todo, é só que...

Ele – Já não nos lembramos muito bem.

Cristina – Não se lembram?

João – Não se lembram de onde se conheceram?

Uma pausa.

Ela – Eu diria que foi aqui, não?

Cristina – Aqui?

Ela – Um dia demos conta de que vivíamos no mesmo apartamento.

Ele – Sim, é curioso... Acho que foi assim que aconteceu.

Ela – Já faz um tempo, claro.

Ele – Sim... Há uma semana, talvez.

Ela – Sim, isso mesmo, há mais ou menos uma semana.

Cristina – Ah, sim... Uma semana inteira...

Ele – E vocês?

João – Nós?

Ela – Conhecem-se há muito tempo?

Cristina – Não, não há muito...

João – Diria que... Sim, não faz muito tempo.

Cristina – Conhecemo-nos no átrio do prédio, lá em baixo.

João – Eu levava uma garrafa de champanhe na mão.

Cristina – E eu um ramo de flores.

João – Pensámos que íamos provavelmente para o mesmo sítio.

Cristina – Como eu não tinha o código...

João – Eu também não tinha o código. Toquei a várias campainhas ao acaso. Foram os primeiros a abrir-nos.

Cristina – Como ele parecia saber para onde ia, segui-o.

Ele – Ah, sim...

Ela – Sim, é... uma bonita história.

Ele – Muito romântica.

Ela – Vão ver que ainda acabam por casar.

João e Cristina trocam um olhar desconfortável.

João – Portanto, se percebi bem, ninguém aqui se conhece verdadeiramente.

Ela – Ao que parece, não...

Cristina – E ninguém tem nada a fazer nesta casa.

Ele – Aparentemente, não...

João – Então, de quem é esta casa?

Silêncio.

Cristina – Querem um pouco mais de champanhe?

Ela – Obrigada, mas já é tarde. Talvez seja melhor irmos andando.

Ele – Em todo o caso, obrigado pela vossa hospitalidade.

João – Ora essa, não têm de agradecer.

O homem pega na mala e dirige-se à saída com a mulher.

Cristina – Querem que vos acompanhe?

Ela – Não se incomodem, conhecemos o caminho.

João – Querem ajuda com a mala?

Ele – Não... Não pesa nada... Está vazia.

Cristina – Bem... Até à próxima, então!

João – E obrigado pela visita!

Os dois saem. João e Cristina voltam a sentar-se. Silêncio.

Cristina – Tudo bem?

João – Tudo bem... E contigo?

Cristina – Tudo bem... *(Uma pausa.)* Queres beber mais alguma coisa?

João – Não, obrigado. Estou bem.

Cristina – Uns amendoins?

João pega num punhado de amendoins e começa a mastigá-los.

Cristina – Estamos bem aqui, não estamos?

João – Sim... *(Pausa)* Mas esta não é a nossa casa.

Cristina – Pois é.

João – É uma casa ou um apartamento?

Cristina – Um apartamento, acho eu.

Escuro.

4. Autor anónimo

Ela está de pé no meio do palco vazio, a olhar à sua volta. Ele entra.

Ele – Ah, estás aqui! Andava à tua procura por todo o lado...

Ela – Pronto, o último camião acaba de partir com as últimas caixas.

Ele – Viste tudo? Não ficou nada em casa?

Ela – Nada. A não ser as nossas recordações...

Ele põe-lhe uma mão no ombro.

Ele – Vá... Havemos de criar outras!

Ela – Eu sei... Mas ter novos projetos não apaga a nostalgia.

Ele – Arrependes-te?

Ela – Não...

Ele – Lembras-te da primeira vez que viemos visitar esta casa?

Ela – Também estava vazia.

Ele – E, entre estes dois vazios, vivemos. Enchemos a casa. De móveis. De quadros. De crianças...

Ela – E a casa encheu-nos a nós. De alegria. De felicidade. De recordações.

Ele – Essas levamo-las connosco.

Ela – E deixamos a casa quase tão limpa como a encontrámos.

Ele – Diria que bastante mais limpa.

Ela – Quem virá a seguir? Não sabemos nada sobre essas pessoas.

Ele – E eles não saberão nada sobre nós.

Ela – Tal como nós não sabemos nada sobre quem cá esteve antes de nós.

Ele – As pessoas passam, as casas ficam.

Ela – Até que as próprias casas acabam por cair. Ou são demolidas para se construírem prédios no lugar.

Ele – Também há casas assombradas por más lembranças.

Ela – Pois... Todas as casas têm uma história. Muitas histórias.

Ele – Como a história de um crime, por exemplo.

Ela – Um crime?

Ele – Nem todos os crimes acontecem na rua, sabes? A maioria acontece dentro de casa. Muitas vezes, em família... E, quando um caso destes aparece nas notícias, a casa torna-se invendável. Imagino que às vezes acabam por deitá-la abaixo e construir outra. Uma casa sem passado...

Ela – Obrigada. Sabes mesmo como animar uma pessoa.

Ele – Nunca se sabe... Talvez esta casa, antes de nós, não tenha abrigado só momentos felizes.

Ela – De qualquer forma, nunca encontrámos cadáveres nos armários.

Ele – Talvez, se tivéssemos escavado na cave...

Ela – Pois... Se calhar é melhor irmos embora já.

Ele – Vês? Só tinhas de pedir...

Ela – Obrigada... Sei que posso sempre contar contigo nos momentos difíceis.

Dirigem-se para a saída. Ela baixa-se para apanhar uma coisa do chão.

Ele – O que é isso?

Ela – Parece um manuscrito.

Ele – Um manuscrito?

Ela – Parece-me uma peça de teatro.

Ele – Como sabes?

Ela folheia o manuscrito.

Ela – Porque tem pessoas a falar, por exemplo. Não é como um romance.

Ele – Já percebo... Diálogos...

Ela – Ou talvez seja o guião de um filme.

Ele – Fala de um crime?

Ela – Não sei.

Ele – Deve ter ficado preso atrás de um radiador e caído ao chão durante a mudança. O papel está todo amarelado.

Ela – Mas ainda se consegue ler. Depois de tantos anos. Já viste?

Ele – O que será? Uma comédia? Um drama?

Ela – Era preciso lê-la.

Ele – Quem terá escrito isto?

Ela – Alguém que viveu aqui antes de nós, imagino.

Ele – É incrível... E se for uma obra-prima...?

Ela – Também pode ser uma bela porcaria.

Ele – Está assinado?

Ela – Não... Não vejo o nome do autor.

Ele – Se calhar é inédito. Um manuscrito anónimo, imagina! Podias pôr-lhe o teu nome e publicá-lo... És editora. Para ti era fácil.

Ela – Seria plágio.

Ele – Se o autor já morreu e ninguém sabe que foi ele que o escreveu...

Ela – Primeiro vou lê-lo...

Ele – É estranho, não?

Ela – O quê?

Ele – Vamos sair desta casa e levamos connosco a história de outra pessoa.

Ela – Espero que não seja um drama...

Ele – Pelo menos, não encontrámos nenhum cadáver.

Ela – Quase me apetece pôr-me à procura...

Ele – Achas?

Ela – Se calhar o autor está enterrado na cave...

Saem.

Escuro.

5. Mudança de cenário

Um feixe de luz de uma lanterna corta a escuridão. Depois, outro. O primeiro ilumina o rosto de quem segura a segunda lanterna.

Ele – Ah, és tu! Assustaste-me...

Ela – Então?

Ele – Já está. Ficou tudo no camião.

Ela – Correu tudo bem?

Ele – Foi como sempre.

Ela aponta a lanterna para a plateia.

Ela – Então, não havia ninguém...

Ele – Com a barulheira que o cão fez quando entrei... Se estivesse alguém em casa, já tinha acordado.

Ela – A não ser que esteja morto.

Ele – Não fales de desgraças! Imagina: entras numa casa de noite para a assaltar e tropeças num cadáver...

Ela – Com o azar que tenho tido, já nem me admirava.

Ele – Pois... Vi isso num filme uma vez. Não me lembro do nome...

Ela – Contas-me isso outro dia. E o cão, está bem?

Ele – Obrigadinho pela preocupação em saber se ele me mordeu...

Ela – Mordeu-te?

Ele – Rasgou-me as calças todas. Tive de lhe dar uma pancada para o deixar inconsciente...

Ela – Se não há ninguém, podemos acender a luz, não?

Ele – À vontade. As casas à volta estão vazias. São quase todas casas de férias. E ainda há os que já se mudaram.

Ela – Por causa dos assaltos, aposto.

Ele – Se isto continuar assim, só vão restar casas vazias para roubar na região.

Ela carrega no interruptor e acende-se a luz. A roupa dele está em farrapos.

Ela – Bem, deixou-te num lindo estado. Coitadinho... Não lhe fizeste muito mal, pois não?

Ele – Porquê? Vais fazer queixa à associação de proteção dos animais?

Olham em volta.

Ela – Fizeste uma limpeza a sério. Não deixaste nada.

Ele – Ficou tudo no camião.

Ela – Coisas interessantes?

Ele – Sobretudo móveis. Bibelôs. Quase tudo de um mau gosto tremendo.

Ela – Já imagino...

Ele – Coisas de novo-rico.

Ela – Antes novo-rico do que novo-pobre.

Ele – Mas havia um cofre.

Ela – A sério?

Ele – Consegui abri-lo.

Ela – Quanto?

Ele – Está tudo no camião. Nem contei.

Ela – Vemos isso depois. Não convém ficarmos aqui muito tempo. Já viste as outras divisões?

Ele – Esvaziei tudo. Vieste com o Manolo?

Ela – Adormeci no carro a caminho. Nem sei onde estamos. *(Olha de novo em volta.)* É impressionante como uma casa vazia pode ser parecida com outra.

Ele – Pois...

Ela – Tens a certeza de que é a casa certa?

Ele – Viste a cruz na fachada lá em baixo? O Manolo fez o reconhecimento da zona na semana passada.

Ela – Sim... Aquele tipo de cruz que indica objetos de valor, sem alarme, fácil de entrar...

Ele – Não se enganou. Tirando o cão. Devia estar a dormir quando ele cá veio.

Ela – É estranho... Esta casa faz-me lembrar qualquer coisa...

Ele – Gente que conheces, talvez...

Ela – Talvez...

Ela apanha algo do chão.

Ele – O que é isso?

Ela – Uma fatura da luz.

Ele – Deve ter caído de alguma gaveta.

Ela – Está no meu nome...

Ele – Não...?

Ela – Já me parecia...

Ele – Queres dizer que...?

Ela – Estamos em minha casa! Não acredito... Vocês assaltaram a minha casa!

Ele – Como é que eu havia de saber?! Havia uma cruz na parede. Não disseste ao Manolo onde vivias?

Ela – Não... E tu?

Ele – Nem me passou pela cabeça...

Ela – Porra... Uma hipótese em mil...

Silêncio.

Ele – Bem... Assim a mudança é mais rápida...

Ela – Eu não estava a pensar mudar de casa.

Ele – Então, o que fazemos?

Ela – Que queres que façamos? Voltar a pôr os móveis no sítio. Os móveis e aqueles bibelôs de mau gosto... Coisas de novo-rico.

Ele – OK...

Ela – E vais devolver-me o meu dinheiro. Se calhar até chega para comprar outro cofre, agora que arrombaste o meu...

Ele – Não perdes grande coisa. Aquilo era uma porcaria. Demorei cinco minutos a abri-lo...

Ela – Isto é incrível. Espero que o cão, pelo menos, esteja bem...

Ele – Ainda estás preocupada com aquele raio de cão?

Ela – É meu! Foste tu que deixaste o meu cão inconsciente!

Ele – Ah, pois é. Desculpa... Não te preocupes, ele recupera.

Ela – Sim... Quando cheguei, estava deitado junto à casota. Achei estranho não ter ladrado quando me viu.

Ele – Reconheceu a dona, claro.

Ela – Pois... E eu nem sequer reconheci a minha própria casa...

Ele – E depois dizem que os animais são menos inteligentes que nós.

Ela – Bem, vamos trabalhar. Isto ainda vai demorar...

Ele – Ou então declaras o assalto à polícia e o seguro paga-te tudo.

Ela – Achas?

Ele – Livramo-nos da tralha toda, se a conseguirmos vender a alguém, e aproveitas para mudar a decoração...

Ela – Pois... E assim poupamos ao encenador outra mudança de cenário.

Ele – Saímos pelo pátio ou pelo jardim?

Saem.

Escuro.

6. Cena do crime

Da Silva, inspetor da polícia, entra seguido do seu adjunto, Da Costa. Observam o espaço.

Da Silva – Não mexeu em nada?

Da Costa – Não... E em que é que eu podia ter mexido?

Da Silva – É verdade que... nunca vi uma cena de crime tão... desesperadamente vazia.

Da Costa – Sim...

Da Silva – Vai ser difícil encontrar pistas.

Da Costa – Não vejo o que possamos mandar para o laboratório... A não ser o ar que respiramos.

Da Silva – Ora, aí está uma ideia...

Da Costa – Quer que mande uma amostra do ar para o laboratório?

Da Silva – Não vemos a arma do crime... Se calhar foi uma intoxicação por gás.

Da Costa – Só uma autópsia poderia dizer-nos isso...

Da Silva olha novamente à sua volta.

Da Silva – Uma autópsia, está bem, mas... onde estão os cadáveres?

Da Costa também percorre o espaço com o olhar.

Da Costa – Aparentemente, também não há cadáveres.

Da Silva – Como assim, não há cadáveres? Se não há cadáveres, não há crime! E, se não há crime, não há cena de crime!

Da Costa – Mas tem de haver vítimas. Senão, não estaríamos aqui.

Da Silva – Há vítimas, mas não há cadáveres?

Da Costa – Não vejo nenhum...

Da Silva – O autor do crime fez desaparecer os corpos... Mas como?

Da Costa – Imagino que seja isso que estamos aqui para descobrir...

Voltam a olhar em redor e depois para o chão.

Da Silva – Não vejo nada.

Da Costa – Espere... Acho que encontrei uma coisa.

Da Silva – O que é?

Da Costa – Um livro.

Da Silva – Um livro?

Da Costa *(folheando o livro)* – É um livro de teatro.

Da Silva – Como é que sabe?

Da Costa – É uma edição da La Comédiathèque.

Da Silva – Acha que isso nos pode ajudar na investigação?

Da Costa – Quem sabe... *(Continua a ler.)* Que estranho... As personagens têm os nossos nomes...

Da Silva – Não...?

Da Costa – O inspetor Da Silva e o seu adjunto Da Costa...

Da Silva – Deixe-me ver... *(Pega no livro e lê algumas páginas.)* E as descrições correspondem exatamente às das vítimas cujo desaparecimento estamos a investigar.

Da Costa – Então... Se esta hipótese estiver certa... Seríamos personagens de teatro?

Da Silva – Pior do que isso: estaríamos mortos...

Da Costa – E ter-nos-iam encarregado de investigar o nosso próprio desaparecimento...?

Da Silva – É o caso mais estranho de toda a minha carreira.

Da Costa – E que género de peça é esta? Uma comédia? Um drama?

Da Silva – Sabe, eu cá de teatro percebo pouco...

Da Costa – Qual é o título?

Da Silva – «Não é um drama».

Da Costa – Eu sei que não é um drama! Só quero saber o título da peça...

Da Silva – «Não é um drama». É esse o título da peça.

Trocam um olhar atónito.

Da Costa – Mas como é que personagens de teatro podem morrer? Nem sequer existem a sério.

Da Silva – Isto não é nada normal...

Da Costa – E morrer em palco, ainda por cima...

Da Silva – Ah, então acha... que estamos num palco?

Da Costa vira-se para a plateia.

Da Costa – Olhe para aquela gente toda, ali no escuro... Parece que vieram para nos ver...

Da Silva – Bolas, tem razão... Quem serão? Testemunhas?

Da Costa – Se calhar vieram assistir à reconstituição.

Da Silva – Isto é de doidos... Não me diga que ainda por cima pagaram bilhete.

Da Costa – Pode perguntar-lhes.

Da Silva – Acha que podemos falar com eles?

Da Costa – Não sei...

Da Silva – Talvez nos ajudem a resolver o caso...

Da Costa – Podem ter visto alguma coisa...

Da Silva aproxima-se de um espectador.

Da Silva – O senhor pagou bilhete?

Pequena improvisação, consoante a resposta do espectador — ou a falta dela.

Da Costa – E, já agora... Viu alguma coisa?

Da Silva – Vamos ter de nos desenrascar sozinhos, como sempre.

Da Costa – Pois. Pelos vistos, as nossas personagens não deixaram grande recordação...

Da Silva – Infelizmente, é o destino do comum dos mortais. Passar pelo mundo sem deixar rasto.

Da Costa – Mesmo assim... Nós, personagens de teatro...

Da Silva – Pois... Seria de esperar que isso nos desse alguma notoriedade...

Da Costa – Se calhar a peça era um fiasco. Quando se trata de uma obra-prima, as pessoas lembram-se das personagens, não é?

Da Silva – Sobretudo das personagens principais. Algumas tornam-se até mais famosas do que os autores.

Da Costa – Veja Sherlock Holmes. Toda a gente se lembra dele. Mas quem é que se lembra do nome do autor de Sherlock Holmes?

Da Silva – Elementar, meu caro Watson. Arthur Conan Doyle.

Da Costa – Infelizmente, o senhor não é Sherlock Holmes.

Da Silva – Nem o senhor é o doutor Watson.

Da Costa – Senão, já tínhamos resolvido este mistério há muito tempo.

Da Silva – Que quer que lhe diga... Não passamos de personagens secundárias.

Da Costa – Daquelas de que ninguém se lembra depois de o pano cair... Quem foi que disse que a vida é um sonho?

Da Silva – A vida... Parece longa, sobretudo no princípio. Começamos a dizer as nossas falas no primeiro ato.

Da Costa – Ao princípio, nem nos apercebemos de que a peça já está escrita.

Da Silva – E, a pouco e pouco, as palavras voltam-nos à memória quando as dizemos.

Da Costa – Até começarmos a lembrar-nos delas antes de as dizer.

Da Silva – E, quando a história chega ao fim... Só esperamos não falhar a saída...

Da Costa – Cheira um bocado a fechado aqui, não acha?

Da Silva – É o cheiro do teatro.

Da Costa – A boa notícia é que conseguimos encontrar os corpos.

Da Silva – Pois... E parece que já começam a cheirar mal.

Da Costa – O cheiro de personagens em decomposição... As de todas aquelas peças horríveis que não se aguentaram em cartaz.

Da Costa – As peças que «não encontraram o seu público», como se costuma dizer...

Da Silva – A nossa não devia estar muito na moda... Tire uma amostra do ar. Mandamo-la para o laboratório e logo vemos.

Da Costa tira do bolso um pequeno frasco, destapa-o, espera um instante, volta a tapá-lo e guarda-o.

Da Costa – Pronto. Acabou-se a peça.

Da Silva – Chegou a hora de sair de cena. De vez. Para nós, foi a última representação...

Da Costa – Só temos de sair por ali.

Da Silva – E pensar que esta pobre gente pagou bilhete...

Da Costa – Não é um drama.

Da Silva – Devíamos ter-lhe chamado «Autópsia de um fiasco».

Da Costa – Preferia ter entrado numa obra-prima... Para ficar na história.

Da Silva – Talvez numa próxima...

Saem. Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Novembro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-277-7

Documento para download gratuito